



**O PROJETO FUNDAMENTAL DO PARA-SI:
UMA ANÁLISE DE UM POSSÍVEL SER CONSCIENTE
(O EM-SI-PARA-SI) NO PENSAMENTO DE SARTRE**

Polyelton de Oliveira Lima¹

Resumo: Neste artigo, analisar-se-á, em Sartre, a iminente necessidade que o para-si tem de se fundamentar junto à sua consciência. A pergunta pelo questionamento do projeto fundamental do para-si possibilitará a análise da realidade humana enquanto um ser consciente, livre e marcado pela angústia da liberdade. Assim, como seria possível e até que ponto poder-se-á encontrar um fundamento para a realidade humana? A filosofia sartriana evidencia a realidade humana como sendo caracterizada a partir do para-si. Seguindo esta proposta, o artigo elucidará, primeiramente, a descoberta do ser em-si, ou seja, aquele ser opaco e fechado em si mesmo, o ser que possui o si de si mesmo e que se distancia das possibilidades; sendo marcado por ser exatamente aquilo que é; o em-si é o que é, ou seja, um ser indiscutivelmente contingente. Por outro lado, encontra-se o para-si, o ser que tem a pretensão de ser em-si, de realizar-se enquanto um ser definido, superando a contingência inicial do em-si, mas mantendo-se para-si. Outrossim, há que se mencionar que a realidade humana torna-se completamente marcada pela condenação perpétua à liberdade, visto que se encontra aberta às latentes possibilidades enquanto um projeto de ser jogado no mundo; um ser que não se contenta de ser aquilo que não é e não ser aquilo que é; um ser que procura constantemente a fundamentação do seu ser e a superação da sua latente contingência. Assim, faz-se mister evidenciar que, segundo Sartre, o para-si busca fundamentar-se a si próprio e se realizar enquanto uma coisa consciente, isto é, um ser-em-si-para-si. No entanto, ao se deparar com a gratuidade da sua existência, o para-si será transportado para uma incessante necessidade de conviver consigo mesmo. Desta forma, o para-si descobre a angústia, o que o fará viver na sombra de sua liberdade e das suas escolhas.

Palavras-chave: Sartre; em-si; para-si; consciência; liberdade;

¹ Licenciado em filosofia pela Universidade Católica de Brasília e mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Goiás.

No pensamento de Jean-Paul Sartre (1905-1980), o questionamento e a fundamentação da realidade humana são temas recorrentes em toda a trajetória conceitual desse importante filósofo do século XX. Prova disso são as diversas interpretações e problemas que foram levantados a partir dos seus argumentos e posicionamentos filosóficos. Como forma de viabilizar e elucidar o problema da realidade humana em Sartre, este pequeno artigo abordará a busca pelo projeto fundamental do ser para-si. Nesse sentido, será evidenciada a estrutura do ser para-si e a sua constante busca pela fundamentação de si mesmo; promovendo, conseqüentemente, o entendimento da questão da realidade humana como o ser da falta.

Antes de qualquer coisa, faz-se importante destacar que o em-si e o para-si devem ser compreendidos como seres que compõem a estrutura fundamental do próprio ser. Além disso, ambos são identificados como seres contingentes, porém cada um à sua maneira². Embora ambos anunciem a estrutura fenomenológica do ser, eles são bastante diferentes. O em-si revela o modo de ser dos objetos; e o para-si, o modo de ser da consciência.

Por se tratar de um ser que é o seu próprio fundamento, o para-si empreende uma constante busca pela sua fundamentação, sendo conduzido a uma latente tentativa de fundir-se ao ser em-si. Com base nessas questões, como o ser para-si procede para encontrar um si que o preencha e elimine a sua falta constitutiva? Ademais, é possível encontrar uma fundamentação do para-si no pensamento de Sartre?

Ao se iniciar essa análise, torna-se imprescindível destacar que, influenciado pelo pensamento husserliano, Sartre explicita o conceito de

² Quando Sartre diz que o ser é contingente, ele está descartando qualquer possibilidade de haver um ser absoluto. Ora, a consciência poderia ser entendida como este ser absoluto, uma vez que a partir dos seus atos intencionais estabelece contato com as coisas e o mundo. No entanto, Sartre se refere à consciência enquanto um “fato absoluto” que posiciona o indivíduo no mundo e estabelece contato com os “existentes relativos”. Nestes termos, Sartre evidencia que “[...] toda consciência é posicional na medida em que se transcende para alcançar um objeto, e ela esgota-se nesta posição mesma: tudo quanto há de intenção na minha consciência atual está dirigido para o exterior [...]” (SARTRE, 2005, p. 22).

consciência como sendo uma consciência intencional. O filósofo francês parte do pressuposto que toda consciência é consciência de alguma coisa. Em *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade* (1936), considerada a sua primeira obra estritamente filosófica, Sartre analisa a questão da intencionalidade da consciência. No que diz respeito ao conceito de intencionalidade, Husserl despertou em Sartre uma enorme estima por sua filosofia, visto que a fenomenologia tratava dos processos da consciência não trabalhados até então e que proporcionavam a Sartre um constante incômodo filosófico, sobretudo na primeira fase de seu pensamento.

Além de estudar a questão da intencionalidade da consciência, Sartre investigou os problemas e as possíveis soluções que o auxiliaram na eliminação daquilo que ele chamava de “o problema da consciência”. Sartre não aceitava a existência de conteúdos no interior da consciência. A consciência é completamente intencional, ela projeta-se para fora de si ao visar o objeto transcendente. “A estrutura primária da consciência, o ponto de partida absoluto, tanto para Sartre quanto para toda a escola fenomenológica, é o de que a consciência o é sempre de alguma coisa” (DANTO, 1975, p. 40). A consciência sempre se direciona para fora de si mesma e é nesse projetar que ela se constitui como consciência do mundo e dos objetos.

Seguindo este raciocínio, pode-se dizer que a consciência, sendo o nada, o vazio e o não ser do para-si, projeta-se para fora de si enquanto transcendência, indo ao encontro do ser fenomênico, isto é, do objeto. Desta forma, a consciência possui um caráter eminentemente transcendente e busca a compreensão da efetivação das possibilidades do para-si como um ser destacadamente condenado à liberdade. Sendo assim, abordar-se-á nesse trabalho os caminhos galgados pelo ser para-si em busca de sua própria fundamentação, em busca do esforço de um fundamento para si mesmo. Para tanto, faz-se necessário elucidar que Sartre define o para-si como sendo a própria realidade humana, ou seja, aquele ser que, diferentemente do ser em-si, caracteriza-se pela sua completa gratuidade e

abertura total para as possibilidades do mundo.

Nas primeiras páginas de *O ser e o nada* (1943), Sartre pormenorizou o conceito de consciência a partir de uma ótica fenomenológica/existencial. Não obstante, ao herdar esse conceito da fenomenologia, o filósofo decidiu manter o entendimento de que a consciência sempre se posiciona de maneira intencional. Além de ser intencional, a consciência é espontânea. Isso implica dizer que a consciência tem a característica de ser totalmente translúcida, não havendo um eu que a opere e que esteja por trás dos seus atos. Ora, caso Sartre permitisse a existência desse eu, ele prejudicaria a espontaneidade da consciência e colocaria em risco toda a teoria da intencionalidade da consciência. Ademais, cumpre salientar que Sartre evidenciou o conceito de consciência de maneira detalhada e oportuna na obra *A transcendência do ego* (1937), o que não será objeto de estudo dessa proposta de trabalho³.

Em *A transcendência do ego*, obra desenvolvida, sobretudo, a partir do pensamento egológico de Edmund Husserl⁴ (1859-1938), é possível encontrar, de forma ainda incipiente, mas muito bem articulada, “o esforço de Sartre para ultrapassar certas conclusões especulativas do próprio pensamento fenomenológico” (MORAVIA, 1985, p. 28). Muito embora a intencionalidade fosse considerada peça fundamental na fenomenologia, Sartre argumentava que ela sofrera uma relevante alteração; o que, segundo

³ Como forma de viabilizar o conceito de ego transcendente e afirmar que esse ego é um ser do mundo, Sartre rechaçou todas as teorias que colocavam o ego na condição de um ser absoluto, bem como condenou o conceito de ego transcendental de Husserl, dizendo que não seria possível a existência de um eu que estivesse monitorando ou operando a consciência intencional.

⁴ Conforme relatou Simone de Beauvoir, Sartre, em *A transcendência do Ego*, “[...] descrevia, dentro de uma perspectiva husserliana, mas em oposição a algumas das mais recentes teorias de Husserl, a relação do Eu com a consciência; entre a consciência e o psíquico, ele estabelecia uma distinção que manteria sempre; enquanto a consciência é uma imediata e evidente presença ante a si, o psíquico é um conjunto de objetos que só se apreendem mediante uma operação reflexiva e que, como os objetos da percepção, só se dão de perfil; o ódio, por exemplo, é um transcendente que se apreende através de *erlebnissen* e cuja existência é tão somente provável. Meu Ego é, ele próprio, um ser do mundo, tal qual o Ego de outra pessoa” (2010, p. 184-185).

ele, poderia desvirtuar a sua aparição e, consequentemente, não contribuir para o verdadeiro desenvolvimento da espontaneidade da consciência.

A partir dos esclarecimentos desenvolvidos anteriormente e atentando-se para o fato de que a consciência é a própria manifestação do para-si, Sartre destacou que o conceito de consciência está relacionado com a efetivação da busca daquilo que falta ao para-si. Segundo o pensamento de Sartre, a realidade humana é integralmente composta por uma falta constitutiva e por um latente desejo de preenchimento dessa lacuna. O para-si é o ser da falta. Ele carece de fundamento, ele é o seu próprio nada. Em outras palavras, existe um sentimento de falta constitutiva no ser para-si e o que lhe falta será buscado no processo de transcender-se da consciência.

A vida da consciência consiste em tender a algo que ela não é, buscando como que coincidir plenamente com o outro que não ela mesma, com um intencionado; assim, ela é o que não é. Mas ela não é o outro, não é aquilo do qual tem consciência, visto que, sendo consciência, esgota-se na distância e não consegue abandonar-se; e, assim, ela não é o que é enquanto intencional (BORNHEIM, 2007, p. 54).

Sartre interpretou aquela consciência intencional, que fora proposta inicialmente pela filosofia de Husserl, como sendo uma consciência transcendental. Isso implica dizer que a consciência não se encerra em si mesma através de um processo de geração e sustentação do conhecimento. Assim, a consciência é um constante projetar-se para fora de si mesma, o que a coloca na condição de buscar um posicionamento para além de si. Desse modo, além de transcender a si mesma, a consciência é translúcida, isto quer dizer que a consciência é inteiramente transparente a si própria. Nesse sentido, “a consciência não assimila o objeto; pelo contrário, ela sai de si para ir ao encontro do objeto, ela se transcende para encontrar o objeto transcendente” (SILVA, 2003, p. 38). Portanto, para se desvencilhar da falta constitutiva do para-si, a consciência transcende os objetos e tenta preencher a si mesma com aquilo que está fora das suas estruturas.

Apresentadas estas características da consciência, torna-se

necessário anunciar que a consciência é o vazio ou o que Sartre define como o “nada”, isto porque não possui demonstrações de ser alguma coisa; a consciência sempre se posiciona fora de si mesma, indo ao encontro dos fenômenos que compõem o mundo, deslizando rumo aos objetos transcendentais. Desta maneira, não seria forçoso compreender a consciência como sendo nada, um completo vazio, translúcida, visto que ela não possui conteúdos e será sempre um movimento em busca de si, ela desliza para encontrar os objetos. No entanto, conforme destacou Moutinho (1995, p. 41), a consciência não é apenas o nada; ela também é tudo, uma vez que é consciência de todos os objetos. Sendo assim, segue-se que a consciência é posicional, ou seja, posiciona o sujeito no mundo juntamente com os demais objetos.

Faz-se mister asseverar que, para Sartre, a consciência será constituída a partir das duas estruturas de ser apresentadas em *O ser e o nada*. Além disso, cumpre ressaltar que a consciência só pode ser o seu próprio nada diante do ser em-si. Em primeiro lugar, de acordo com Sartre, existe o em-si, aquele ser que é o que é e não pode ser outra coisa além de si mesmo. O em-si é caracterizado por ser maciço, opaco e carregado de si próprio; sendo fechado em si mesmo e não mantendo relações de possibilidades. Por estas razões, o em-si não é um ser necessário, muito menos um ser possível, não é atividade e nem passividade. O ser em-si é exatamente aquilo que se mostra, ou seja, apresenta-se como um ser-aí e, acima de qualquer coisa, um ser manifestamente contingente. O em-si é contingente porque não estabelece relações possíveis ou necessárias com outros seres; é independentemente de qualquer coisa. Assim, “[...] um ser fenomênico, enquanto existente, jamais pode ser derivado de outro existente” (SARTRE, 2005, p. 40).

Por sua vez, o ser para-si, isto é, a consciência, ao contrário do ser em-si, é aquele ser que busca a si mesmo. No entanto, este si não se encontra na própria consciência, posto que a consciência é o nada. O si que a consciência busca está fora dela mesma, está no mundo. Nesse sentido, o para-si vai ao encontro de si ao transcender a si mesmo e desejando

aquilo que lhe falta, isto é, a sua fundamentação. Cumpre destacar nesse momento que o para do para-si não é um movimento voltado para ele mesmo. Pelo contrário, trata-se do movimento para fora dele mesmo, o para que transcende a si mesmo. Isto quer dizer que o para do para-si será cristalizado pelo desejo que o para-si tem de apropriar-se de si mesmo. Ainda sobre a consciência, Paulo Perdigão, no livro *Existência e liberdade*, esclarece que: “[a] consciência, ao contrário, é essa propriedade que o Ser não possui de pensar sobre as coisas, exprimir juízos sobre elas, interrogar a respeito delas e de si mesmo, colocando em questão o seu próprio ser” (PERDIGÃO, 1995, p. 38).

A realidade humana, marcadamente, é o próprio para-si, o ser a partir do qual a falta e o desejo vêm à tona. Dentre as principais características do para-si, estão a liberdade e a angústia. Como evidenciado anteriormente, a consciência intencional – ou transcendental – procura posicionar o homem no mundo diante dos objetos fenomênicos. Ora, acima de tudo, o homem está no mundo enquanto um projeto de ser que busca se desenvolver diante das situações e das possibilidades. Nesse sentido, o para-si será o ser que tentará sair de si mesmo para encontrar a si próprio.

Nessa tentativa de buscar sua fundamentação, o para-si se descobrirá livre. A liberdade será então a marca maior do para-si; o ser humano é a própria efetivação da liberdade e não haveria outra escolha além de ser livre. Surge aí um paradoxo: como pode o homem ser livre se essa liberdade é uma condenação? Para Sartre, as escolhas humanas constituem a liberdade; e mesmo a escolha pela renúncia da liberdade já é uma escolha. Em outras palavras, o homem não pode deixar de ser livre, nem mesmo abdicando de sua própria liberdade em função de outro ou de alguma coisa. Destarte, ao afirmar que a realidade humana é condenada à liberdade, Sartre diz também que o homem é responsável por esta liberdade.

Todas as escolhas se dão a partir da liberdade e a liberdade se dá a partir de nada, porque a exerce a partir do nada

que sou. Em outras palavras, a liberdade absoluta implica a responsabilidade absoluta, e, assim como minha liberdade não possui fundamento, tampouco possui a minha responsabilidade (SILVA, 2003, p. 146).

Nesse contexto, o para-si, sendo livre, projetar-se-á, enquanto consciência de estar aí, para além de si mesmo, em busca do si que constitui a sua falta, a ausência de fundamentação. Por conseguinte, “[...] a falta é constitutiva porque o que falta é o fundamento; e o desejo é constitutivo porque o para-si deseja ser o seu próprio fundamento” (SILVA, 2003, p. 140). Outrossim, sendo parte constitutiva do mundo, o ser para-si será evidenciado enquanto um projeto de ser que, de maneira alguma, poderia fugir da sua gratuidade e da sua situação de estar lançado no mundo. Desta forma, como destacou Sartre: “[o] Para-si, ao aprofundar-se em si como consciência de estar-aí, só descobrirá motivações, ou seja, será perpetuamente remetido a si mesmo e à sua constante liberdade” (SARTRE, 2005, p. 133).

Ora, a liberdade é a certeza e a convicção de que o para-si será remetido constantemente aos seus possíveis e à sua situação, não podendo fugir de sua condição de estar no mundo. Assim, de acordo com Franklin Leopoldo, “o possível é meu e me pertence, mas ao mesmo tempo eu não o sou, pelo simples fato de tratar-se de um possível” (SILVA, 2007, p. 75). Será exatamente nessa conjuntura que o para-si descobrirá a angústia como sendo a necessidade de conviver com a liberdade e com o ser dos possíveis. Além disso, há que se mencionar que a angústia está intimamente relacionada com a falta de fundamento da presença do para-si. Portanto, segundo os escritos de Sartre, “[o para-si] é o fundamento de seu ser-consciência ou existência, mas de modo algum pode fundamentar sua presença” (SARTRE, 2005, p. 134).

Desta maneira, “viver a ausência de fundamento, isto é, não ter em que apoiar um projeto de ser, gera a angústia. Esta, como se sabe, é a vivência antecipada de uma outra possibilidade, daquilo que poderei ser e não sei se serei” (SILVA, 2003, p. 145). Assim, torna-se relevante

afirmar que a angústia saltará ao mundo pela falta, pelo vazio do para-si diante da impossibilidade de encontrar sua fundamentação em si mesmo e da consequente necessidade de se projetar para fora de si enquanto consciência.

Nesse caminho trilhado até aqui, foi possível constatar que o ser para-si, sendo a realidade humana, é explicitamente condenado à liberdade. Ora, por ser livre, o indivíduo terá que conviver com suas possibilidades e com a angústia de não poder se apoiar na certeza de ser si mesmo. Desse modo, utilizando-se das palavras de Paulo Perdigão, destacamos: “[o] ‘desejo abstrato de ser’, o projeto fundamental de constituir-se em um Em-Si-Para-Si, em uma ‘coisa consciente’, em um Em-si que seja responsável (consciente) pela criação permanente de si, transparece como o sentido geral de toda atividade humana” (PERDIGÃO, 1995, p. 106). Desta forma, como proposta de encontrar o si que lhe falta e ser, consequentemente, o seu próprio fundamento, o para-si recorrerá à tentativa de se unir ao ser em-si. No entanto, conforme mencionado anteriormente, o si é o que falta ao para-si; e não seria possível ao para-si encontrar o si em si mesmo, uma vez que é marcado por ser nada, aquilo que é o que não é e não é o que é.

(...) o para-si persegue a totalização de si, a satisfação do desejo de ser a partir da falta constitutiva. A pretensão do para-si é realizar o desejo de ser em si continuando a ser para-si, isto é, fundamentar-se a si próprio. Essa espécie de valor supremo buscado pelo para-si pode ser definido como a plenitude do ser consciente: o em-si-para-si (SILVA, 2003, p. 139).

Desta forma, esta tentativa frustrada de encontrar seu próprio fundamento faz com que o para-si descubra a angústia e se perceba enquanto um ser inacabado e abandonado no mundo enquanto projeto de ser que sempre buscará sua realização e fundamentação. Em outras palavras, o ser para-si é marcado por um constante desejo de encontrar aquilo que possa suprir o sentimento de falta que lhe é inerente. Não obstante, não será o sentimento de angústia que inviabilizará a constante busca que o para-si

empreenderá a fim de encontrar o si que falta a si mesmo. Ora, a única forma que o para-si poderia encontrar para fundamentar a si mesmo seria fundindo-se ao ser em-si, ou seja, apropriando-se do em-si e realizando-se enquanto ser-em-si-para-si.

No entanto, essa proposta de se fundir ao em-si não é procedente, muito menos realizável, uma vez que o ser em-si é caracterizado por ser exatamente aquilo que é; e não poderia se fundir ao para-si. Se tal projeto empreendido pelo para-si fosse passível de realização, gerar-se-ia um ser totalmente consciente de si mesmo, pleno e que fosse seu próprio fundamento. Assim, na concepção de Sartre, seria improcedente, irrealizável e totalmente descabida a existência de um ser que pudesse ter a plenitude da sua existência e ao mesmo tempo ser consciente das coisas que estão à sua volta. Portanto, para Sartre, esse ser consciente de si mesmo seria irrealizável exatamente porque ele não poderia ser o responsável pela sua própria criação.

A partir desse propósito, faz-se necessário destacar que só o para-si poderia ser fundamento de sua própria consciência, uma vez que a consciência é constituída à medida que o homem apreende intencionalmente os objetos do mundo. A consciência visa o objeto a partir de uma intencionalidade, isto é, a consciência, enquanto proposta de conhecimento, projeta-se para fora de si em busca de si mesma, em busca do que falta ao para-si. No entanto, e para sua frustração e angústia, o para-si não poderia fundamentar a sua situação no mundo, muito menos a sua posição junto a si mesmo. Ora, o fundamento do para-si está fora de si mesmo, está no exterior, naquilo que é alheio ao seu ser. Isto porque somente o ser em-si possui o si em si mesmo. Sendo assim, seria impossível ao ser para-si ser consciente de si mesmo e, ao mesmo tempo, ser si mesmo.

Há que se concluir dizendo que, de acordo com o pensamento sartriano, o para-si não poderia ser o seu próprio fundamento, visto que do para-si só o nada pode surgir. Sendo o nada que habita a si mesmo,

definindo-se como sendo aquilo que não é e não sendo aquilo que é, o para-si projeta-se para além de si em uma tentativa de rechaçar a falta constitutiva de seu ser; de possuir a si mesmo numa tentativa de ser o si que lhe falta. Por conseguinte, ao para-si caberá conviver com sua liberdade, tentando, acima de tudo, tornar a sua existência uma “totalidade destotalizada”. Isso implica dizer que o fundamento almejado pelo para-si não pode ser encontrado no seu próprio ser. Se esse fundamento existisse, ele estaria localizado no mundo.

O para-si não pode ser o seu próprio fundamento, visto que do para-si só o nada pode surgir. Sendo o nada que habita a si mesmo, definindo-se como aquilo que não é, e não sendo aquilo que é, o para-si projeta-se para além de si em uma tentativa de inviabilizar a falta constitutiva de seu ser. Ele deseja possuir a si mesmo numa tentativa de ser o si que lhe falta. Ao para-si resta conviver com sua liberdade, tentando, acima de tudo, tornar a sua existência uma “*totalidade destotalizada*”. O para-si é uma totalidade porque o ser surge no mundo em função da consciência. No entanto, o próprio para-si não é para si mesmo uma totalidade, uma vez que o seu ser ocorre como um projeto inacabado, algo que está em constante busca e realização.

A totalidade só pode vir aos seres por um ser que tem-de-ser, na presença a eles, sua própria totalidade. É exatamente o caso do Para-si, totalidade destotalizada que se temporaliza em perpétuo inacabamento. É o Para-si, em sua presença ao ser, que faz com que exista todo o ser (SARTRE, 2005, p. 242).

Portanto, resgatando o questionamento proposto no início dessa investigação, poder-se-ia dizer que o fundamento do para-si estaria no mundo, ou seja, no objeto desejado e solidificado enquanto posse efetiva para a realização do ser para-si. No entanto, a efetivação da posse não pode ser concedida ao para-si, uma vez que o si se estabelece enquanto uma constante fuga do para-si. Desta maneira, o ser do para-si não conseguiria se fundir ao em-si e formar um ser-em-si-para-si consciente de si mesmo e dos fenômenos do mundo. Nesse sentido, faz-se necessário

afirmar que o fundamento que tanto procura o para-si não está nem em si mesmo, muito menos no mundo, visto que o para-si não se apropria dos objetos, mas, sim, possui consciência deles. Por estas razões, a busca pelo fundamento é o movimento que sempre coloca em questão o para-si e a realidade humana num processo de realização de um ser enquanto projeto livre e inacabado.

Abstract: In this article we will examine, in Sartre, the imminent need for the for-itself has to be based near his conscience. The question by questioning the fundamental design of the for-itself will allow the analysis of human reality as a conscious being, freedom and marked by the anguish of freedom. So how is it possible and how much power it will find a basis for human reality? Sartre's philosophy reveals the human reality as being characterized from the for-itself. Following this proposal, the article will illustrate, first, the discovery of being in-itself, i.e., that being opaque and closed in on itself, the one who possesses the self from itself and that distances itself from the possibilities, being marked by being exactly what it is; the in-itself is what is, or arguably be a quota. On the other hand, is the for-itself, the being who pretends to be in itself, to conduct themselves as a definite being, overcoming the initial contingency in itself, but keeping for itself. Furthermore, it should be mentioned that human reality becomes quite marked by freedom life sentence, since it opened to the latent possibilities as a project to be played in the world, a being who is not content to be what is not and not be what it is, a being who constantly seeks the reasons for its being and resilience of its latent contingency. Thus, it is essential to highlight that, according to Sartre, the for-itself seeks to justify itself and be realized as a conscious thing, that is, a being-in-itself-for-itself. However, when faced with the gratuity of its existence, the for-itself will be transported to an incessant need to live with himself. Thus, the for-itself discovers the trouble, what will make you live in the shadow of their freedom and their choices.

Key-words: Sartre; in itself; for itself; consciousness; freedom;

Referências

BEAUVOIR, Simone. *A força da idade*. 2ª Edição. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BORNHEIM, Gerd. Sartre. Metafísica e existencialismo. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DANTO, Arthur C. *As ideias de Sartre*. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORAVIA, Sérgio. *Sartre*. Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1985.

MOUTINHO, Luiz Damon S. *Sartre: Psicologia e fenomenologia*. Prefácio de Bento Prado Júnior. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Prefácio de Gerd Bornheim. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o Nada*. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*. In: Situações IV. Lisboa: Publicações Gurapa-América, 1968.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Ética e literatura em Sartre*. São Paulo: Perspectiva, 2003.